

SOMBRAS

Al director de la revista gaditana «CALETA»
José Manuel García Gómez.

Oye, José Manuel: Cuando las sombras
se estirazan, se alargan y se densan,
haciendo comunión con el silencio
y plomo en la conciencia,
cuando el látigo negro de la sombra
derriba a la energía de los cuerpos,
¿no se te queja el alma?.. ¿no se corva?..

A mí, José Manuel, se me derrite
el calcio de los huesos,
la cruz que sobre el alba me resiste
y el oro de los sueños.

Las lanzas de los vientos, (los cipreses),
me rompen los cristales de los ojos
con sus cantos de muerte
que afila el maleficio y el encono.

Las sombras se me agarran, como pulpos
llenándome de hormigas los tendones,
haciéndome caer en los apuros,
¡cortando hasta la espiga de mi nombre!

Murciélagos de voces sin sonidos
me llegan a las lindes del deseo,
haciéndome exclamar: ¡La luz, Dios mío!
¡La luz de tu verdad, como la creol!
¡Alumbra los suburbios del ateol

M. OSTOS GABELLA

Uma carta de Amor a

Goethe

Por JORGE RAMOS
(Escritor português)

NA biografia dos homens de génio que passaram os umbrais da imortalidade, o Amor ocupa um dos capítulos mais sugestivos. É o clarão estonteante de un relâmpago iluminando o roseiral ardente de aventura efémera. Desse amor que voou de ilusão em ilusão, julgando, por vezes, prender raízes no mistério da eternidade, ficou a cinza de uma recordação que o vento do próprio tempo viu pouco a pouco dispersando, como se do seu sopro se apagasse, por fim, uma luz distante. É o encantamento que nasce e morre em desencanto. Desfolha-se na sombra.

OS ÚLTIMOS VERSOS DE GOETHE FORAM
PARA A MULHER QUE JULGOU AMAR

Mas esse raro Amor que nunca morre e nos abismos insondáveis da alma se converte, por inexprimíveis sortilégios, num motivo de adoração, num fenómeno psíquico no qual todas as faculdades do nosso ser estão interessadas; esse Amor, que pelos seus reflexos de exaltação e pelo seu carácter absorvente só pode ser definido por um estado patológico—*la maladie de l'amour* de Voivenel; esse Amor é a única verdade entre todas as miragens enganadoras. Em Wagner não é Wilhelmine Planer, não é Cosima—mas Matilde Wendsdonck que fez do *Tristão e Isolda* mais do que uma obra imaginada pela Arte, uma obra inspirada e construída pelo Amor. Em Musset não é Irene de Alton, não é Hermínia Dubois—mas George Sand, sem a qual o poeta não teria escrito *Les Nuits*. Há sempre o único amor na vida de um homen célebre, sobretudo quando é um artista ou um intelectual. Não importa que a existência daquele poeta ou deste filósofo tivesse sido agitada como mar revolto de vitórias e misérias, de fracassos e de imprevistos, ou que a de um ou outro criador da Beleza ou escultor da Ideia decorresse tranquila como regato na moldura de uma paisagem suave, dessas em que o pincel de Giovanni Battista surpreendeu o segredo da serenidade improfanável. O fogo inconsumível desse amor está presente na sua obra ou na sua vida.

Goethe recebe mais do que dá. É a sedução do génio na alma de uma mulher. A sensibilidade complexa desse espírito multiforme, a ressonância viva, imensa, luminosa, da sua força lírica, a grandeza desse génio universal que Faguet (1) colocou ao nível de Homero, e Macy (2) definiu como «um dos cimos culminantes de todas as literaturas», a riqueza do seu espirito de romancista, de dramaturgo, cientista, pensador o esteta, revelam uma alma aberta a todas as

(1) "L'Allemagne dans le siècle XVIII" Emile Faguet.
(2) "O Período Clássico na Literatura Alemã" John Macy.